

Mutirão reúne voluntários em SP

Idosos com problemas de visão recebem atendimento gratuito e todos deverão sofrer cirurgia até o final do ano

Jayme Brener
Da equipe do **Correio**

São Paulo — Dona Maria Emília de Jesus, 87 anos, acordou cedo no sábado. Ansiosa por resolver um problema de visão que a atormenta há anos, ela se aprontou antes das 7h, usando o vestido estampado que reserva para o domingo na igreja. De braços dados com os filhos João Pedro e Lázara, foi ao posto do INSS de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo. Dona Maria Emília era um dos quase 700 pacientes com mais de 50 anos e menos de 20% de visão atendidos ontem gratuitamente pelo Projeto Catarata do ABC.

Com o patrocínio da Faculdade de Medicina do ABC, das prefeituras da região e o apoio de empresas privadas, o projeto está em seu terceiro ano de vida. Os pacientes que tiveram o diagnóstico de catarata confirmado começarão a ser operados amanhã em quatro hospitais públicos do ABC.

"Diante da falência da saúde pública, estamos demonstrando que o melhor caminho é o da parceria entre o Estado, a universidade e a iniciativa privada, já que conseguimos oferecer um atendimento de primeira", avalia o coordenador do projeto, José Ricardo Lima Rehder, chefe do Departamento de Oftalmologia da Facul-

dade de Medicina do ABC.

Segundo ele, o mutirão do Projeto Catarata do ABC, que será realizado a cada três meses, deveria diagnosticar cerca de 400 casos da doença. Todas as cirurgias serão realizadas até dezembro.

TESTES

Os pacientes do projeto passarão por uma triagem entre mais de 20 mil pessoas cadastradas em duas dezenas de Unidades Básicas de Saúde (UBSs) do ABC. Ônibus e peruas das prefeituras da região levaram todos ao posto do INSS, onde eram recebidos por cerca de 50 professores da Faculdade de Medicina e mais de cem estagiários, todos voluntários.

Lá os esperava uma bateria de testes, incluindo o exame de fundo do olho (que diagnostica, entre outros problemas, o diabetes) e uma avaliação clínica pré-operatória. Quem tem catarata saiu com

a cirurgia marcada. Depois de enfrentarem duas horas — entre a fila e os exames — com as pupilas dilatadas, os pacientes ganharam um lanche, sanduíche e refrigerante.

A boa organização do mutirão não foi suficiente para eliminar todas as reclamações.

"Tenho problemas nas pernas e estou de pé desde as 7h da manhã. Será que não dava para atender a gente mais rápido?", perguntava a dona de casa Maria das Dores Reis, de 75 anos.

"Estamos fazendo todo o possível para aumentar o conforto dos

"DIANTE DA FALÊNCIA DA SAÚDE PÚBLICA, DEMONSTRAMOS QUE O MELHOR CAMINHO É A PARCERIA ENTRE ESTADO, UNIVERSIDADE E A INICIATIVA PRIVADA"

José Ricardo Lima Rehder,
coordenador do projeto

pacientes, que são idosos", respondia o estagiário Rinaldo Constanzo Trotta, 22 anos, aluno do 5º ano. Um estagiário, aliás, muito especial. Há menos de um ano Rinaldo passou por um transplante de córnea. "Senti na pele o que é viver com problemas graves de

visão. Acho ótimo poder ajudar outros pacientes, ao mesmo tempo em que estou me aperfeiçoando profissionalmente", disse.

CATARATA

O carpinteiro aposentado Fiodor Putarov, 81 anos, que emigrou

há 65 anos da ex-União Soviética, sonhava em escapar da sala de cirurgia, enquanto passava pelos primeiros exames. "Quem sabe os médicos descubrem que eu não tenho catarata... Já me operei no ano passado de um dos olhos e não gostaria de passar por isso outra vez", dizia.

Sempre de braços dados com os dois filhos, dona Maria Emília saiu dos exames sabendo que terá de ser operada. Os testes constataram catarata nos dois olhos. "Quem sabe a minha vista melhora de novo?", dizia ela, enquanto arrastava os filhos para um restaurante.

"Estou caindo de fome porque os médicos pediram que a gente viesse em jejum", reclamava. No próximo mutirão quem talvez esteja na fila é o filho dela, o mestre de obras aposentado João Pedro. A catarata já o cegou de um olho e agora ameaça o outro.